

Leonardo Boff

É teólogo e filósofo

Setores do PT (não todo o partido) levantaram a bandeira da ética e das transformações sociais. Mas em vez de se apoiar no poder da sociedade civil e dos movimentos e criar uma nova hegemonia, preferiram o caminho curto das alianças e dos acordos com o corrupto poder dominante

Corrupção: sua natureza e os seus malefícios

Pelas mídias sociais fui atacado ferozmente por ter apoiado o projeto político do PT e da presidenta Dilma Rousseff, sempre com o mesmo argumento: por que não reconhece e escreve contra a corrupção? Escrevi várias vezes. Repasso algumas ideias como resposta.

Segundo a Transparência Internacional, o Brasil comparece como um dos países mais corruptos do mundo. Sobre 91 analisados, ocupa o 69º lugar. Aqui ela é histórica, foi naturalizada, considerada com um dado natural. É atacada só posteriormente, quando já ocorreu, e goza de impunidade.

Só este dado denuncia a gravidade do crime contra a sociedade que a corrupção representa. Todos os dias, mais e mais fatos são denunciados, como agora com a corrupção multitudinária e bilionária na Petrobras, envolvendo dirigentes, partidos e grandes empreiteiras. Como compreender este perverso processo criminoso?

Começemos com a palavra corrupção. Ela tem origem na teologia. Antes de se falar em pecado original, a tradição cristã dizia que o ser humano vive numa situação de corrupção. Santo Agostinho explica a etimologia: corrupção é ter um

coração (cor) rompido (ruptus) e pervertido. Cita o Gênesis: “A tendência do coração é desviante desde a mais tenra idade” (8,21). O filósofo Kant fazia a mesma constatação ao dizer: “Somos um lenho torto do qual não se podem tirar tábuas retas”. Em outras palavras: há uma força em nós que nos incita ao desvio, e a corrupção é um deles.

Como se explica a corrupção no Brasil? Identifico três razões básicas entre outras: a histórica, a política e a cultural.

A histórica: somos herdeiros de uma perversa herança colonial e escravocrata, que marcou nossos hábitos. A colonização e a escravatura são instituições objetivamente violentas e injustas. Então as pessoas, para sobreviverem e guardarem a mínima liberdade, eram levadas a corromper. Quer dizer: subornar, conseguir favores mediante trocas, peculato (favorecimento ilícito com dinheiro público) ou nepotismo. Essa prática deu origem ao jeitinho brasileiro, uma forma de navegação dentro de uma sociedade desigual.

A política: a base da corrupção política reside no patrimonialismo e no capitalismo sem regras. No patrimonialismo não se distingue a esfera pública da pri-

vada. Os que estão no poder tratam a coisa pública como se fosse sua e organizaram o Estado com estruturas e leis que servem a seus interesses, sem pensar no bem comum. Há um neopatrimonialismo, na atual política, que dá vantagens (concessões, meios de comunicação) a apaniguados políticos.

Devemos dizer que o capitalismo, aqui e no mundo, é em sua lógica, corrupto, embora aceito socialmente. Ele simplesmente impõe a dominação do capital sobre o trabalho, criando riqueza com a exploração do trabalhador e com a devastação da natureza. Gera desigualdades sociais que, eticamente, são injustiças, o que origina permanentes conflitos de classe. Piketty tem razão. A democracia, pretendendo ser representativa de todos, na verdade representa os interesses dos grupos dominantes e não os gerais da nação. Esta situação configura uma corrupção já estruturada e faz com que ações corruptas campeiem livre e impunemente.

Cultural: a cultura dita regras socialmente reconhecidas. Roberto Pompeu de Toledo escreveu em 1994, na Revista Veja: “Hoje sabemos que a corrupção faz parte de nosso sistema de poder tanto quanto o arroz e o feijão de nossas refeições”. Os corruptos são vistos como espertos e não como criminosos que de fato são. Via de regra podemos dizer: quanto mais desigual e injusta é uma sociedade, em especial, um Estado, mais se cria um caldo cultural que permite e tolera a corrupção.

Especialmente nos portadores de poder se manifesta a tendência à cor-

rupção. Bem dizia o católico Lord Acton (1843-1902): “O poder tem a tendência a se corromper e o absoluto poder corrompe absolutamente”. E acrescentava: “Meu dogma é a geral maldade dos homens portadores de autoridade; são os que mais se corrompem”.

Por que isso? Hobbes no seu “Leviatã” (1651) nos acena para uma resposta plausível: “A razão disso reside no fato de que não se pode garantir o poder senão buscando ainda mais poder”.

Lamentavelmente foi o que ocorreu com setores do PT (não com todo o partido) e de seus aliados. Levantaram a bandeira da ética e das transformações sociais. Mas em vez de se apoiar no poder da sociedade civil e dos movimentos e criar uma nova hegemonia, preferiram o caminho curto das alianças e dos acordos com o corrupto poder dominante. Garantiu-se a governabilidade a preço de mercantilizar as relações políticas e abandonar a bandeira da ética. Um sonho de gerações foi frustrado. Oxalá possa ainda ser resgatado.

Como combater a corrupção? Pela transparência total, pelo aumento dos auditores confiáveis, que atacam antecipadamente a corrupção. Como nos informa o World Economic Forum, a Dinamarca e a Holanda possuem 100 auditores por 100 mil habitantes; o Brasil apenas 12, mil, quando precisaríamos pelo menos de 160 mil. Combate-se a corrupção também lutando por uma democracia mais participativa, que se faz vigilante e que cobra inteireza ética de seus representantes.